



NOSSA CLASSE

**Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!**

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário - Ano XIV - Agosto 2018 / e-mail: nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org

POLÍTICA OPERÁRIA

É preciso derrubar a reforma trabalhista e a terceirização

As duras consequências da reforma trabalhista e da lei da terceirização já são sentidas pela classe operária e demais assalariados. Os patrões têm aumentado a jornada de trabalho, demitido para contratar novos trabalhadores por um salário menor, utilizado o trabalho intermitente e cortado direitos. A terceirização avança em todas as fábricas e outros locais de trabalho. As empresas de terceirização estão se agigantando e ganhando muito dinheiro à custa dos baixos salários e da rotatividade da mão-de-obra. Ao lado disso, o desemprego continua alto e aumenta o subemprego. O trabalho informal, sem carteira assinada, deu um salto à frente, quando deveria diminuir.

Está mais do que claro que a reforma trabalhista e a lei da terceirização, impostas pelo governo golpista de Temer, são inimigas mortais dos explorados. Nossas vidas, assim, estão sendo sacrificadas para que os explorado-

res capitalistas protejam seus lucros e suas propriedades privadas dos meios de produção. Ou seja, a maioria está pagando pela crise econômica, enquanto a minoria exploradora continua enriquecendo.

O Boletim Nossa Classe defende: 1) fim da reforma trabalhista e da lei da terceirização; 2) volta dos contratos feitos diretamente pelas empresas; 3) fim das empresas de terceirização; 4) emprego com carteira assinada a todos; 5) redução da jornada de trabalho sem reduzir os salários- escala móvel das horas de trabalho; 6) garantia dos direitos das mulheres e ampliação da proteção à maternidade, reduzindo a jornada de trabalho; 7) implantação do salário mínimo vital (piso nacional de R\$ 4.500,00). Que os sindicatos e as centrais sindicais organizem imediatamente um movimento em defesa dessa plataforma de reivindicações.

DEFENDER AS REIVINDICAÇÕES E O MÉTODO DE LUTA PARA ENFRENTAR OS PATRÕES

Nesse mês, os metalúrgicos estão em campanha salarial. O grande problema está em manter os Contratos Coletivos de Trabalho. O patronato quer implantar a reforma trabalhista. A direção do sindicato metalúrgico do ABC realizou uma assembleia com os grupos 2 e 3, no início de julho, depois de ter fechado os acordos com as montadoras. Portanto, a divisão em grupos foi mantida, o que dificulta a luta pelo contrato coletivo.

O Boletim Nossa Classe vem denunciando as divisões dos metalúrgicos. Defende que é preciso, além das assembleias por fábrica, convocar a assembleia geral dos metalúrgicos. Os patrões estão unidos em favor da destruição dos direitos, do rebaixamento salarial e dos planos de demissão. A divisão dos operários fortalece a ação dos capitalistas, impondo a brutal reforma trabalhista. A nossa força está na unidade e na paralisação da produção, na greve. Só assim manteremos os acordos coletivos e derrubaremos a reforma trabalhista.

A Terceirização divide os trabalhadores

A terceirização dividiu ainda mais a classe operária. Os terceirizados recebem menos, trabalham mais, têm menos direitos, sofrem com acidentes e são os que mais padecem com as demissões. Mais ainda: estão separados dos demais trabalhadores da fábrica na campanha salarial.

O Nossa Classe acompanhou a greve dos operários da Manserv, tanto na Braskem, como na Firestone. Enquanto os operários efetivos da Braskem, da petroquímica e da Firestone trabalhavam normalmente, os das terceirizadas, Manserv, Rip, estavam em greve. Essa divisão no interior das fábricas vem avançando com a lei da terceirização e com a reforma trabalhista. Para os capitalistas, a divisão entre operários efetivos e terceirizados é um mecanismo para quebrar as greves, manter em funcionamento a fábrica e aumentar a exploração do trabalho.

O Boletim Nossa Classe faz campanha pela derrubada da lei da terceirização e da reforma trabalhista. Esse exemplo da Manserv é a prova de que a terceirização é um instrumento dos capitalistas contra os trabalhadores.

Eis um exemplo do que acontece com a reforma trabalhista

Operários e operárias, temos de urgentemente combater a reforma trabalhista. Somente parando as fábricas e ganhando as ruas é que podemos defender-nos. Abaixo mostramos o que vem acontecendo em uma das fábricas.

Uma grande empresa do setor de eletroeletrônicos e tecnologia, localizada em São Paulo, cortou a 9ª hora trabalhada, o que representa uma redução de cerca de R\$ 500,00. A fábrica efetuou cortes até no valor da PLR, que reduziu de R\$ 1.650,00 para 1.500,00. O objetivo é despejar a crise econômica sobre as costas dos operários e ampliar seus lucros.

Os operários estão agora diante da aplicação da maldita reforma trabalhista. A fábrica, apoiada por essa nova lei, começou a implementar a jornada de 12 horas de trabalho por 36 horas de descanso (repouso), que resulta em perda salarial. Nos últimos dois meses, essa empresa elevou a

quantidade de operários submetidos a essa cruel jornada de trabalho de 3 para 150, aproximadamente. Em decorrência dessa jornada, operários já começaram a apresentar problemas de saúde, como indicam os casos ocorridos e relatados de esgotamento físico, desmaio e mal-estar. Os motivos para aceitarem trabalhar nessa jornada são os mais diversos, geralmente relacionados à cobertura de seus planos de saúde, às necessidades de suas famílias e à proximidade da obtenção da aposentadoria.

O Boletim Nossa Classe denuncia as consequências da aplicação da reforma trabalhista. Diz que, isoladamente, os operários não conseguirão impedir que o patrão imponha essa reforma. Defende que os sindicatos convoquem assembleias democráticas e organizem a luta coletiva para pôr abaixo essa reforma, que só favorece os capitalistas.

História do movimento operário

Damos continuidade à história da Oposição Metalúrgica da Volks

Luta da Oposição Chapa 2 contra o acordo traidor de Luís Marinho.

Em outubro de 2001, meses depois dos trabalhadores terem rejeitado a renovação do acordo da semana de 4 dias, a Volks se reuniu com a burocracia do sindicato para anunciar seu novo plano de “reestruturação”. Além da semana de quatro dias, com redução de 15% nos salários, exigia também a demissão de 3 mil operários, salários 30% menores para novos contratados, demissão por “baixo desempenho”, terceirização dos setores de fundição, pé de mola, logística, motoristas de testes e aumento de 8,16% no valor do transporte e da alimentação.

A direção do sindicato, Luís Marinho, convocou uma assembleia, colocou-se em palavras contra o plano da empresa e decretou a greve. Os operários, em seguida, pularam as catracas e ocuparam a fábrica. Marinho informou que iria à Alemanha negociar com a direção da multinacional.

Com a fábrica ocupada, a Oposição chapa 2 começou a campanha contra o ataque da Volks, chamando os operários a rechaçarem totalmente o pacote de demissões e retirada de direitos. Frente às demissões, levantou a bandeira da redução da jornada sem redução de salário. Defendeu a convocação de uma assembleia geral dos metalúrgicos do ABC, para unificar a luta contra o ataque da patronal. Explicou que a terceirização e o salário diferenciado, 30% menor para novos contratados, significaria demissão e precarização. Organizou o comando de greve, com os trabalhadores e ativistas.

Na Alemanha, Marinho negociou somente a forma e o tempo em que a Volks faria as demissões. No retorno, na assembleia, colocou em votação acordo e o fim da greve. Diante da resistência dos operários, e temendo perder o controle da situação, o burocrata ordenou que os operários retornassem ao trabalho.

O Boletim Nossa Classe fez parte dessa luta e se opôs ao acordo traidor. A lembrança do que aconteceu serve para fortalecer nossa tarefa de construir direções classistas nos sindicatos.

Explicar a exploração do trabalho, para melhor lutar

O que é a mais-valia? É o tempo de trabalho não pago ao operário pelo patrão. Por exemplo, em uma jornada de 8 horas de trabalho, um operário produz muito mais valor que aquele que recebe do patrão. Em 3 horas, por exemplo, o operário já produziu o suficiente para o patrão pagar todo seu dia de trabalho. Portanto, as 5 horas de produção restantes, chamamos de mais-valia. Ou seja, o tempo de trabalho que o patrão não pagou ao operário. Está aí por que o patrão procura aumentar a produtividade em menos tempo. Assim, aumenta seu lucro, enquanto o operário ganha menos.

A luta pelo aumento do salário e pela redução da jornada de trabalho deve ser constante. Caso contrário, a classe operária fica mais pobre e miserável e os capitalistas mais ricos e poderosos. É preciso elevar a consciência operária sobre a exploração do trabalho para melhor lutar.

Divulguem e participem do Boletim Nossa Classe. É um Boletim que vive apenas da contribuição de seus militantes e dos trabalhadores. Façam sua contribuição. Mais do que isso, participem denunciando a exploração nas fábricas.